DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E GÊNERO: mudanças e permanências no Tocantins

OLIVEIRA, Fernanda da Silva [1]

Resumo: Como as construções sociais e culturais de gênero influenciam o trabalho e a vida de mulheres que exercem profissões "consideradas" masculinas? Buscou-se responder esta indagação e entender como mulheres que ocupam profissões "consideradas" masculinas compreendem sua condição de gênero e como enfrentam as diferenças e hierarquias socialmente construídas e reproduzidas no mundo do trabalho no Tocantins. O conteúdo elaborado aborda as percepções de cinco mulheres, sendo: uma motorista de caminhão, uma frentista em posto de gasolina, uma dentista, uma gerente de banco e uma escrivã de polícia, abarcando suas experiências no ambiente de trabalho e como conciliam o mesmo com a vida privada, enfatizando suas percepções, experiências e desafios no mundo do trabalho.

Palavras-chave: Gênero; Divisão sexual do trabalho; Estado do Tocantins.

Abstract: How do gendered social and cultural constructs influence the work and life of women who carry out "considered" male professions? It was sought to answer this question and to understand how women who occupy "considered" male professions understand their gender condition and how they face the differences and hierarchies socially constructed and reproduced in the universe of work, in the Brazilian state of Tocantins. The content addresses the perceptions of five women, including: a truck driver, a gas station attendant, a dentist, a bank manager, and a police clerk, embracing their experiences in the workplace and how they reconcile with their private life, emphasizing their perceptions, experiences and challenges in the world of work.
Keywords: Gender; Sexual division of labor; Estate of Tocantins.

1 INTRODUÇÃO

A construção social de que as mulheres sempre são frágeis, subalternas e inferiores fortalecem as desigualdades nas relações entre homens e mulheres, ao qual os homens são considerados fortes, dominantes e elas sempre desvalorizadas (CISNE, 2018). É preciso desvendar como essas desigualdades

[1]Universidade Federal do Tocantins. Assistente Social e Mestranda de Serviço social no campus de Miracema-Tocantins. E-mail: fhervida@hotmail.com.

se revelam na sociedade, sobretudo no mundo do trabalho, já que este é um espaço privilegiado de produção e reprodução da vida social, e portanto, dessas diferenças. Para enfrentar as desigualdades de gênero no mundo do trabalho é preciso, em primeiro plano, conhecê-las e analisá-las profundamente, sobretudo, porque “não há trabalho sem sujeito” e “não há discussão do trabalho sem discussão do sujeito” (STAMPA, 2012, p. 41).

As relações de gênero, construídas social e culturalmente, tornam-se imprescindíveis para analisar as atuais mudanças e a heterogeneidade crescente no mundo do trabalho, principalmente porque o gênero é um dos elementos que diferencia as experiências, a segmentação ocupacional, a inserção e a permanência no mercado de trabalho de homens e mulheres. Além disso, a problemática de gênero nos permite pensar a heterogeneidade da classe trabalhadora, dando evidência aos marcadores de diferença e desigualdade na sociedade e na própria classe, como raça, sexo, nacionalidade, e idade.

A divisão sexual do trabalho refere-se à distribuição desigual de homens e mulheres no mundo de trabalho, nas profissões e na divisão desigual do trabalho doméstico. Essa divisão varia no tempo e no espaço, hierarquizando atividades, valorizando ou não certas profissões e criando “guetos” ocupacionais, como Enfermagem, Pedagogia e Serviço Social, que bem como verificamos que tem em sua formação mais mulheres.

A categoria gênero explica as relações desiguais entre os sexos como relações sociais, culturais, políticas e econômicas (re) produtoras de relações sociais desiguais que legitimam e naturalizam desigualdades, estabelecidas historicamente com base em construções culturais e sociais que diferenciam e hierarquizam os sexos. Ou seja, essa categoria questiona o lugar social e cultural ocupado pela mulher, lugar esse construído hierarquicamente como uma relação aparentemente natural de poder entre os sexos e aborda a dimensão social, cultural e material da desigualdade sexual.

O trabalho[2] aqui apresentado busca debater a divisão sexual do trabalho na região norte do país, se concentrando no Estado do Tocantins, sobretudo nas cidades de Palmas, a capital do Estado, Miracema e Miranorte, cidades menores

e próximas à capital. Como o crescimento econômico acelerado do mais novo estado brasileiro ratificou as desigualdades estruturantes de gênero no mundo do trabalho? Como as construções sociais e culturais de gênero influenciam o trabalho e a vida dessas mulheres? O conteúdo elaborado busca responder estas questões e aborda as percepções dessas mulheres, abarcando suas experiências no ambiente de trabalho e como conciliam o mesmo com a vida privada. Para tanto, foram entrevistadas cinco mulheres[3] residentes em Miranorte, Miracema do Tocantins e Palmas, sendo: uma motorista de caminhão, uma frentista em posto de gasolina, uma dentista, uma gerente de banco e uma escrivã de polícia, enfatizando suas percepções, experiências e desafios no mundo do trabalho.

A pesquisa tem ênfase qualitativa, com base em levantamento bibliográfico, pesquisa documental e realização de entrevistas semiestruturadas. A pesquisa bibliográfica foi utilizada como embasamento teórico para as análises dos dados coletados nas entrevistas e para suporte às demais etapas da pesquisa. Além do mais, fez-se uso de pesquisa documental, pois o referido tipo de pesquisa possibilita a investigação dos processos de mudança social e nesse sentido, “é que as fontes documentais tornam-se importantes para detectar mudanças na população, na estrutura social, nas atitudes e valores sociais” (GIL, 2014, p.154). A pesquisa buscou a aproximação da realidade social local, sob um diálogo constante entre a teoria e os dados, problematizando como objeto o trabalho feminino nas referidas cidades do Tocantins.

2 APROXIMAÇÕES COM A REGIÃO NORTE: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO TOCANTINS

A criação do estado do Tocantins, em 1988, através da divisão do estado de Goiás, possibilitou o desenvolvimento da nova região, que passou a compor a região norte do país e Goiás permaneceu como região centro-oeste. Considerada a “ultima fronteira agrária” do Brasil, a região Norte vive intenso fluxo migratório e transformações demográficas, ressaltando a importância de pesquisas que levem em consideração as desigualdades sociais imbricadas às

disparidades regionais, articulando-as com a necessidade do seu enquadramento em uma perspectiva histórica.

Em 1991 Palmas tinha uma população de pouco mais de 24 mil habitantes. Na década de 90, a nova capital atraiu milhares de migrantes de diferentes estados. No ano de 2000, a cidade já contava com mais de 130 mil habitantes e, em 2010 registrou 1.383,445 pessoas (IBGE, 2010). Palmas é a maior cidade do Tocantins**.**

A região Norte é a maior entre as cinco regiões brasileiras, cobrindo 45,25% do território nacional, mas tamanha dimensão geográfica ainda ressente-se de mais investimentos públicos e em pesquisas sobre a realidade local e sua complexidade. A região Norte registra os piores índices de desigualdade social do país, que se refletem, por exemplo, na mortalidade infantil, registrando 18,6 mortes por mil nascidos vivos em 2014; enquanto a estimativa da mortalidade infantil no Brasil, em 2014, foi de 14,4 mortes por mil nascidos vivos, (IBGE, 2015). Os dados apontam que a Região Norte tinha a maior probabilidade de morte[4] de 15 a 59 anos de idade (183,6 mortes por mil pessoas de 15 anos de idade), em 2014, e menor esperança de vida ao nascer[5] (71,8 anos); enquanto na Região Sul a probabilidade de morte de 15 a 59 anos de idade foi de 119,3 mortes por mil pessoas e a esperança de vida ao nascer de 77,2 anos (IBGE, 2015).

A distribuição de renda no Norte e Nordeste do País concentram as maiores proporções de pessoas que vivem com até ¼ de salário mínimo per capita em 2014 (IBGE, 2015). Essas informações refletem as históricas desigualdades regionais produzidas ao longo do processo de desenvolvimento brasileiro, tanto em termos de condições de vida quanto de crescimento econômico, apontando que essas regiões carecem de pesquisas que explorem o perfil populacional, suas particularidades estaduais e regionais frente ao contexto nacional e mundial de transformações no mundo do trabalho.

Em 2010, o Estado do Tocantins, concentrou 83,5% das mulheres com 16 anos ou mais de idade ocupadas no setor de serviços, ante 49,4% dos homens. Já no setor de atividades de agricultura, o Tocantins ocupa 28,1% de omens e 11,2% de mulheres, ambos com 16 anos ou mais. Por fim, 22,5% dos homens

com 16 anos ou mais estão ocupados na indústria do Estado, e apenas 5,3% das mulheres também ocupam este setor (IBGE, 2010).

Os dados apresentados sinalizam que o Tocantins e sua capital tem uma inserção econômica caracterizada pelas atividades do setor de serviços. Este setor é o mais suscetível à precarização[6], registrando contratos e relações de trabalho mais estruturalmente flexíveis, alta rotatividade, remuneração por comissão de venda, contratos por tempo determinado**.**

Tomando alguns dados de 2017, verifica-se que as mulheres trabalham 54 horas semanais, atrelando trabalho produtivo e reprodutivo, ao qual só realiza o homem 51,5 horas, sendo à média, 52,6 horas. Na mesma pesquisa, verifica que mulheres trabalham 20,9 horas em afazeres domésticos, e apenas 11,1 horas masculinas, sendo a média de 16,7 horas. Conforme a Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 2018, 606 milhões de mulheres não estão no mundo público, devido o trabalho reprodutivo e trabalho do cuidado não remunerado, no qual 76,2% das mulheres realizam afazeres domésticos no interior do lar.

As diferenças regionais merecem destaque, sobretudo, porque em Palmas o setor de serviços[7] é a principal atividade, ocupando 91.6% das mulheres com 16 anos ou mais de idade. A agricultura ocupa 2,1% de mulheres e a indústria ocupa 6,3% de mulheres de Palmas, mostrando que a divisão sexual do trabalho está nitidamente influenciando o mundo do trabalho nesta capital (IBGE, 2010). Por isso, esta pesquisa buscou conhecer e analisar as construções e desigualdades de gênero no mundo do trabalho e tornar público como tais desigualdades se configuram, permanecem e se reproduzem ao longo da história. Para tanto, foram entrevistadas cinco mulheres de três cidades do

[6] O termo “precarização” passou a ser usado para designar “perdas nos direitos trabalhistas”, “de retorno aos ideais liberais de defesa do Estado mínimo”. “Em termos gerais, refere-se a um conjunto amplo e variado de mudanças em relação ao “mundo do trabalho”, condições de trabalho, qualificação dos trabalhadores e direitos trabalhistas. Refere-se, portanto, à redução de salário e proteção social, ou seja, à piora nas condições gerais de trabalho e desmobilização, o que, consequentemente, aumenta o risco de acidentes de trabalho e de problemas de saúde, de forma geral” (JORDÃO, STAMPA, 2015, p.317).

[7] A distinção habitual entre atividades econômicas compreende os tradicionais setores: primário (agrícola, pesca, caça e extrativismo), secundário (industrial) e terciário (serviços). Entre estes, lista-se: comércio; transportes; publicidade; computação; telecomunicações; educação; saúde; setor financeiro, bancário e de seguros; administração pública; alimentação; manutenção e reparação; beleza e higiene; diversões e recreação etc.

Tocantins (Palmas, Miracema e Miranorte), identificadas pelo nome de suas profissões.

Na fala de duas entrevistadas, a Gerente de Banco e a Motorista de Caminhão, encontrou-se reprodução de pensamentos de inferioridade da mulher, como na questão em que se pergunta “Pra você, o que é ser mulher”? As duas entrevistadas relataram uma identificação com os estereótipos masculinos, chegando a afirmarem que “gostariam de ser do sexo masculino”:

> Eu achava que ser mulher era a pior coisa que podia existir, né, que tudo de ruim era em cima da mulher, claro que quando eu era mais jovem, no meu tempo, mulher era mais submissa aos homens, os direitos eram limitados, até hoje a gente enfrenta uma coisa ou outra (MOTORISTA DE CAMINHÃO, 2016).

Prosseguindo, a perceptividade da Gerente de Banco, demonstra que durante a infância percebeu as diferenças construídas sobre os gêneros, o que influenciava sua liberdade e contato com o mundo, relatando a construção de uma concepção negativa em ser mulher, como se vê na fala seguinte:

> Quando eu era criança eu queria ser homem, porque homem podia tudo, homem podia brincar a hora que queria, eu sou a mais velha e logo depois tem o meu irmão, ele ia pra onde ele queria, o que ele queria fazer ele ia, e mulher não, ‘ah você não vai porque você é mulher’, e toda coisa era assim, eu detestava ser mulher, eu queria nascer homem (GERENTE DE BANCO, 2016).

Na profissão de motorista há muitas dificuldades, muitas viagens de transporte e imprevistos, além da manutenção da profissional em si. É muito comum, segundo a entrevistada, pneus estourarem, combustível acabar, tanques furarem e motores fundirem em perímetros urbanos distantes, o que implica em analisar que uma mulher em uma rodovia deserta, por exemplo, pode estar fragilizada diante da violência de gênero. Ao pensar em outras mulheres, principalmente as que têm filhos, a caminhoneira relata que as viagens podem dificultar a inserção de mais mulheres nesse tipo de profissão: “tem uma amiga minha que tem filhos, que viaja muito, então eu vejo que é ruim pra ela que é mãe né [...] Tipo, na nossa profissão, a gente não tem dia de voltar pra casa" (MOTORISTA DE CAMINHÃO, 2016).

Nota-se que a profissional imputa às mulheres a responsabilidade no cuidado e criação das crianças, afirmando que “mãe que tem que cuidar”. Assim, a profissional acredita que essa escolha ocupacional é dotada de perigos para o sexo feminino e acarreta prejuízos para a vida familiar. Deste modo, o relato deixa claro que a divisão entre espaços públicos e privados associou, historicamente, a mulher ao espaço doméstico.

Podemos perceber que os estereótipos e preconceitos de gênero compõem as falas das profissionais entrevistadas, como ratifica a escrivã de polícia:

> A gente sabe que nessa função é melhor ser homem, porque homem tem mais força física, isso é indiscutível, e eu não sou muito dessas: ‘ah machismo, feminismo’. Eu acho que cada um tem seu papel, e tem algumas funções que o homem é melhor, e tem algumas funções que a mulher é melhor, na minha função mesmo de escrivã, tem alguns casos que é melhor ser mulher pra atender mulher vítima de violência, pra atender criança vítima de violência sexual, a mulher é mais delicada pra isso, o homem não, já pra ir em trabalho de rua, em equipe essas coisas, o homem é mais forte, até emocionalmente pra isso (ESCRIVÃ DE POLÍCIA, 2016).

A profissional revela que a função que exerce possui um quantitativo maior de profissionais homens, e como o policiamento civil é de risco, ela prefere que o sexo masculino exerça essa função, preferindo não se expor no trabalho das ruas. Percebe-se na fala que a separação de trabalhos adequados para cada sexo tem como base de argumentação a força física do homem, perpetuando e naturalizando as divisões do trabalho no espaço sócio ocupacional militar.

Em consonância com seu reconhecimento enquanto profissional, a gerente de banco acredita que ser “mulher é sinônimo de feminilidade”, atribuindo importância significativa à imagem corporal/estética da mulher. A profissional reproduz uma fala preconceituosa sobre mulheres que fogem ao padrão que a mesma acredita ser o modelo de beleza a ser seguido:

> [...] mulher é sinônimo de feminilidade, de vaidade, de beleza. Acho que é questão psicológica mesmo. Não sei por que de ficar se vestindo de qualquer jeito, porque não teria que ser, tem outras que não se cuidam, que acham em determinado ponto que não faz diferença estar bem arrumada, aquelas que depois de casada muito tempo, ai que não se importam mesmo (GERENTE DE BANCO, 2016).

Percebe-se que a fala é conservadora e que reproduz a ideia de que mulher tem que estar sempre arrumada, adequando-se as normas e padrões de beleza estabelecidos. A gerente de banco também explana que além da vaidade, a “mulher é mais sensível” e tem características mais “apreciáveis que o homem”: “Ser mulher é sempre ser feminina, ser a parte mais sensível, e estar sempre lutando, mesmo que a mulher tenha algumas características fortes, ela sempre vai ser a mais sensível” (GERENTE DE BANCO, 2016). Portanto, a cultura e a socialização têm papel crucial na determinação de quem pode expor ou inibir suas emoções, determinando como, onde e por que elas devem e podem aparecer.

A escrivã e a dentista mencionam que a dupla jornada de trabalho ou até a tripla sobrecarregam a mulher, sendo elas as responsáveis pela maioria das atividades da casa:

> Ser mulher é ter uma vida agitada, com vários afazeres, no trabalho, na casa, família, etc. Porém dá grande prazer, você consegue ser feminina, você consegue trabalhar, você consegue ser mãe, eu ainda não sou mãe, mas quero ser, mas você tem muitas tarefas, então você se sente útil. Então isso é bom. Mas ser mulher também é ser cobrada muito, porque você tem jornada tripla se brincar, e tem que fazer todas bem (ESCRIVÃ DE POLÍCIA, 2016).

O anseio que envolve o trabalho feminino, tem haver com algumas percepções em que surgem a discussão em que a sociedade formula o engendramento de poder entre as relações sociais. Então a constituição das relações desiguais no âmbito profissional, traz alguns posicionamentos machistas, conservadores e com raízes nas diferenças entre os sexos (CONNEL, 2016).

Os relatos colocam em questão a gratuidade do trabalho doméstico e evidenciam a contínua reprodução de valores assimétricos de gênero no interior das famílias. Assim, apesar do intenso crescimento da força de trabalho feminina, a permanência de traços culturais e sociais que delineiam obstáculos para a participação mais efetiva da mulher no mercado de trabalho ainda, condiciona para suas responsabilidades domésticas.

Mesmo diante de tantos afazeres, a dentista diz que, “é gratificante” e enxerga que o excesso de tarefas, cobranças e obrigações pode ser caracterizado como “benção de Deus”, não problematizando as hierarquias e a distribuição desigual das tarefas como uma construção social:

> Adoro ser mãe, adoro ser esposa, tenho minha profissão que eu amo também, acho que às vezes a gente fica meio sobrecarregada, porque a gente tem responsabilidade demais, mas acho mesmo assim que é uma benção de Deus, pois temos o poder de ser mãe, de gerar uma vida. Quando você tá aqui no consultório você é a profissional, saindo daqui você é mãe, esposa, agora que eu consegui minha casa do lado do meu consultório, consegui conciliar bem as tarefas [...] (DENTISTA, 2016).

Dessa forma, as profissionais conjugam o trabalho com a dupla jornada de trabalho, sendo as principais responsáveis pelo trabalho doméstico. Com isso, outro aspecto relevante encontrado nas entrevistas é uma associação negativa entre o trabalho feminino e a maternidade. A gerente de banco pontua características ruins na contratação de mulheres no setor bancário, colocando a maternidade como fator negativo no ambiente de trabalho:

> Esse fato de ser mulher prejudica, por exemplo, quando eu fui trabalhar nessa área financeira, a visão de quem trabalha em uma instituição financeira é: o homem que vai demonstrar mais segurança, mais confiança, pro público em geral, e também o homem não engravida, ele consegue ter um período sempre constante no relacionamento com os clientes. A mulher pode cortar esse relacionamento a qualquer momento com a gravidez, ai acabou irá ficar 4, 5 meses fora, então isso é um ponto negativo (GERENTE DE BANCO, 2016).

Nascimento (2016) esboça que o fato da mulher trabalhadora ser mãe a condiciona a enfrentar processos preconceituosos, isso se verifica na transformação ou importância dada em algo que é natural, construindo diferenças e discriminações. Assim, a maternidade “não pode ser encarada como problema exclusivo das mulheres para continuidade de sua atividade profissional. Portanto, (...) é uma falácia dizer que com a maternidade aumentam-se os gastos dos empregadores em relação ao trabalho feminino” (*id*., 2016, p. 342). Com as transformações da sociedade e como consequência das lutas históricas por liberdade e direitos, hoje, positivamente, vivenciamos o aumento da presença da mulher em grande escala no mercado de trabalho, o

questionamento do domínio sobre seu corpo, sobre o aborto, o combate da violência de gênero e feminicídios.

Diante da cultura machista perpetrada na sociedade, a gerente de banco se incomoda e se sente inconformada com o assédio que as mulheres sofrem na sociedade e não aceita este ato como algo natural, no entanto, não toma atitudes sobre esse fato, preferindo “relevar” e “ignorar”:

> O que a gente ouve é assombroso, é o fato dos homens tratarem as mulheres como objeto sexual. Estar dentro de um ônibus e ser assediada, isso é algo que eu vejo que é desigual, desrespeitoso, você não ouve homem dizer: ‘fui assediado por uma mulher, fui apalpado por uma’. Acho que toda mulher sente isso e se coloca no lugar da outra e toma as dores mesmo. Algumas coisas que eu não gosto é ser vista como objeto sexual em alguns espaços, pois ninguém vê que você é competente, é profissional e conquistou seu espaço, às vezes há comentários como “ela conquistou isso porque é bonita”. O olhar diferenciado com malícia já me incomoda, mas é relevar, e ignorar (GERENTE DE BANCO, 2016).

No mesmo sentido, a frentista relata suas atividades e o incômodo em ser observada como objeto pelos homens diante das atividades exercidas:

> Somos mulheres mexendo com combustível, com troca de óleo, com completar o óleo do motor, vender produtos, e saber pra qual carro é o mais correto e pra caminhão também [...] nos caminhões mais altos, é difícil de lavar o para-brisa, muié! Sem falar nos carotes que são os interclimas das cabines dos caminhões que a gente tem que subir pra encher, e os motoristas ficam olhando pro nosso traseiro (FRENTISTA, 2016).

Em postos de combustíveis os frentistas, ou flanelinhas, são em sua grande maioria homens, no entanto, ela não se sente constrangida, muito menos incapaz para exercer uma gama de atividades extensas e complexas, o que a incomoda frequentemente são os assédios sofridos, como relata. Faz-se necessário e urgente o combate de assédios e violência contra as mulheres, pois estes limitam e cerceiam os espaços para mulheres, pois “O preconceito e machismo fazem parte da cultura de muitas famílias que ainda não se deram conta das possibilidades da Mulher e das suas capacidades (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2019, p.23).

A Frentista observa que sua competência é colocada constantemente em dúvida, principalmente porque sua profissão é associada ao sexo masculino e os homens estão mais habituados ao mundo dos carros. Ela relata o olhar

preconceituoso de clientes e a dúvida sobre suas habilidades no exercício da ocupação.

> É uma humilhação você querer ajudar em algo que só homem faz, e te olham e dizem: “será que ela da conta?” Quando eu falo que o carro de fulano precisa de troca de óleo, de aditivo e de anticorrosivo que eu mais vendo, eu vejo qual é o carro e explico certinho pra pessoa. Mesmo assim ela fica com dúvida (FRENTISTA, 2016).

Mesmo diante das adversidades, preconceitos e desafios do ambiente do posto de combustível, a frentista ocupa o cargo a seis anos, sendo uma das funcionárias mais antigas e respeitadas, segundo ela, pois vende muitos produtos e atende mais que todos.

Por vezes, são as próprias mulheres que reproduzem os estereótipos, preconceitos e discriminações que incidem sobre todas nós. Muitas insistem em se referirem o gênero feminino como associado a delicadeza, sentimentalismo e dependência, como percebe-se na fala da dentista, que naturaliza tais construções como imutáveis, fragilizando assim sua permanência na sociedade de forma igualitária:

> A mulher tendo tanta força e tantas tarefas, não deixa de ser mulher e nem frágil, somos sentimentalistas a mais que os homens, tipo assim ela é mais comovível, o homem não tem tanto sentimento, não se comove, sei que é uma discriminação minha (risos), mas é isso, só que mesmo a gente nos mostrando forte, buscando, no fundo a gente é frágil, não tem jeito (DENTISTA, 2016).

Dessa forma, os atributos baseados nas qualidades socialmente construídas entre mulheres e homens agem, diferentemente, sobre a identidade construída no trabalho. Ou seja, a externalização de atividades com qualidades e atributos considerados femininos, que ocupam uma escala inferior na hierarquia das profissões, desvendando que as relações desiguais de gênero possuem uma dimensão laboral, material, histórica e cultural arraigada na sociedade. Por isso, se analisa que:

> Existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres, a partir das naturalizações e caracterizações, socialmente construídas, de que os espaços são definidos e, consequentemente, ocupados mediante uma análise a partir do sexo, consubstanciados mediante as construções de gênero (MEDEIROS, 2020, p. 223).

Dessa forma, o gênero se refere também a construções sociais e as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres que a sociedade vem construindo em suas relações e que vai deixando de fazer parte das discussões tradicionais como na abordagem a seguir na fala da dentista. Na odontologia, segundo a dentista, o uso da força física aparece como critério de seleção da profissional pelo paciente, contudo a profissional observa que isso é um tipo de preconceito e que a profissão exige competências e habilidades que são adquiridas na formação acadêmica, suprimindo, assim, o uso da força física como fator que desqualifica mulheres nessa ocupação:

> “Quando você vai fazer um procedimento, ai a pessoa te olha como se você não tivesse força pra fazer, mas a pessoa não entende que na odontologia não é força, é jeito, é conhecimento, isso acontece mais com homens, tipo ‘você não tem força pra extrair um dente, tem que ter força’” (DENTISTA, 2016).

Os resultados da pesquisa demonstram que as desigualdades entre os gêneros persistem no mercado de trabalho tocantinense. A análise das relações de gênero permite analisar que “ Podemos estabelecer uma alteração na nossa vivência familiar, e dividir igualmente as tarefas domésticas, mas essa alteração não implicará em transformação na estrutura social da divisão sexual do trabalho (CISNE, SANTOS, 2018, p. 53).

3 CONCLUSÃO

O conteúdo elaborado aborda as percepções das mulheres entrevistadas, abarcando suas experiências e percepções sobre gênero e desigualdades de gênero no mundo de trabalho. Apesar de ocuparem postos de trabalho que são “considerados” socialmente como masculinos, e assim, romperem, de certa forma, com a rigidez da divisão sexual do trabalho, as entrevistadas reproduziram em suas falas posturas conservadoras quanto à construção do gênero feminino, relacionando à mulher a valores associados ao feminino, como afetividade, sentimentalismo, emotividade, vinculada à extensão dos papéis domésticos na sociedade. A esfera doméstica merece destaque, uma vez que

além de profissionais inseridas no mercado de trabalho, as entrevistadas reiteram o valor cultural de que o principal compromisso das mulheres é com a família, naturalizando a divisão sexual do trabalho.

As entrevistadas relatam que percebem algumas manifestações de machismo diante de suas atuações diárias e de assédio nos ambientes de trabalho, mas não se sentem impulsionadas a buscarem os mecanismos jurídicos para o amparo das legislações. As diversas formas de manifestações de discriminação e de assédio que incidem sobre o trabalho das mulheres mostram que a herança escravocrata, colonizadora e patriarcal de nossa sociedade persiste nos dias atuais, sendo as relações de trabalho e as relações pessoais são elementos geradores e perpetuadores dessas desigualdades.

De tal forma elas reconhecem a situação de desigualdade da mulher na sociedade e as hierarquias de gênero, mas, mesmo assim assumem para si a responsabilidade de dupla jornada, não relatando a divisão de atividades domésticas com outras pessoas da casa. Mais do que garantir a sobrevivência de pessoas e famílias, a inserção de homens e mulheres no mundo do trabalho permanece sendo um fator central para a construção de identidade laboral e para a construção da sociabilidade.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou fornecer uma análise crítica e subsídios para ampliar o conhecimento sobre as desigualdades de gênero no mundo do trabalho. Assim, nos dias atuais é impossível pensar o mundo do trabalho indissociável das relações de gênero. Deste modo, a abordagem de gênero leva-nos a compreender o trabalho em seus diversos aspectos, materiais, sociais e subjetivos. Enfim, nos dias atuais é impossível pensar o mundo do trabalho indissociável da perspectiva de gênero.

REFERÊNCIAS

BORGES, Cejana Marques; SANTOS, Moacir José; VIEIRA, Edson Trajano. Tocantins: o crescimento e o desenvolvimento econômico regional com a criação do novo Estado. **Revista Gestão e Regionalidade**, número 85, volume 29, p.105-117, 2013.

CISNE, Mirla. SANTOS, Silvana. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo, v. 8, Cortez, 2018.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. n. versos, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2014.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br . Acesso em 20 de agosto de 2021.

_____. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e pesquisas: Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 35, Rio de Janeiro: IBGE, 137p., 2015. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf Acesso em agosto 21 de agosto de 2021.

_____. **Região Norte aumenta participação no PIB nacional.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br. Acesso em 30 de agosto de 2021.

_____. **Mulheres continuam a cuidar mais de pessoas e afazeres domésticos que homens.** Disponível em:<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20912-mulheres-continuam-a-cuidar-mais-de-pessoas-e-afazeresdomesticos-que-homens.html>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

MEDEIROS, Priscilla Brandão. **Divisão sócio sexual do trabalho:** naturalizações sociais como estratégia de minimização do estado**.** Temporalis, n .40, Brasília, 2020.

NASCIMENTO. Sara Diniz. **Precarização do trabalho feminino:** a realidade das mulheres no mundo do trabalho. São Luís. Revista de Políticas Públicas. Número Especial, p. 339-346, 2016.

OLIVEIRA, Luzia Avance de; OLIVEIRA, Edevamilton de Lima. **A mulher no mercado de trabalho:** algumas reflexões. Revista Refaf multidisciplinar. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO— OIT. **OIT pede ação urgente para prevenir crise global da economia de cuidado**. Disponível em: http://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_633464/lang--pt/index.htm. Acessado em: 20 de agosto de 2021.

STAMPA, INEZ. Transformações recentes no “mundo do trabalho” e suas consequências para os trabalhadores brasileiros e suas organizações. **Revista Em Pauta**, n. 30, v. 10, p. 35-60, 2012.